

O Evangelho de Saramago na capela do Rato

O romance de José Saramago «O Evangelho segundo Jesus Cristo» foi pretexto para um debate promovido pelo Centro de Reflexão Cristã, na quinta-feira, 28 de Novembro, na capela do Rato, em Lisboa. Participantes: o romancista e o dominicano frei Bento Domingues.

Afonso Praça

JESUS CRISTO poderia ter evitado o título mais recente de Saramago. Bastaria que, antes de ser morto na cruz, tivesse passado algum tempo na prisão, o bastante para escrever «O Evangelho segundo Jesus Cristo», se as condições do cárcere lhe fossem propícias. Jesus Cristo, que se saiba, não escreveu coisa nenhuma, e os Evangelhos, centrados na sua pessoa e na sua doutrina, tiveram outros autores (Mateus, Marcos, Lucas e João), o que deixou a Saramago porta aberta para um título que, em muitos aspectos católicos, é contestado e que o próprio autor considera de certa forma «abusivo».

Na Capela do Rato, Saramago lá teve de recordar, mais uma vez, aquele dia em que, na profusão de jornais e revistas num quiosque de Sevilha, viu claramente visto, e em português, o título «O Evangelho segundo Jesus Cristo» «Eu vi... Trata-se da expressão correcta e não aumentada da verdade. Voltando atrás, verifiquei que não tinha visto nada, foi uma ilusão de óptica. Achei o caso curioso, e de pensar em pensar,

a semente que aquela ilusão de óptica lançou transformou-se num romance de 445 páginas que se chamou «O Evangelho segundo Jesus Cristo».

Distúrbios e reacções

O romance de Saramago é provocador para os católicos? «Parece que está a causar alguns distúrbios e reacções, parece que se trata dum livro que põe em movimento as consciências», admitiu o romancista que entende que «isso é uma sinal, mas não significa que todas as consciências estejam de acordo com aquilo que as estimulou». Enfim, um romance é feito de palavras e «as palavras são como as pedras: lançadas para a frente, é possível que agridam algumas pessoas».

Agredidos se sentiram já alguns leitores, outros nem sequer leitores, que escreveram cartas a Saramago: um adepto do mons. Lefebvre que preconiza a pena de morte para o escritor, um correspondente que escreve em latim (carta ainda não traduzida), uma senhora que lhe recomenda a leitura daquele soneto de Bocage que começa «Já Bocage não sou...», outras almas caridosas que desde logo começaram a rezar pela sua conversão.

Bento Domingues leu o romance, mas não foi «nem por gosto nem por prazer», foi «uma leitura sem finalidade, apenas pelo prazer de ler». «O Jesus Cristo que resulta da minha leitura do Novo Testamento nada tem a ver com este romance», disse o dominicano que, no entanto, o considera «importante por contribuir para debater as implicações do poder sacrificial da Igreja ao longo da História», por servir «para despertar o sono teológico que se vive neste País».

Na Capela do Rato (à unha), houve quem tivesse dito que o que leu do romance constituiu «um grande apelo para ler os Evangelhos» e quem tivesse levantado a hipótese de Saramago «até poder ser um enviado de Deus».

Nesta altura do serão, frei Bento Domingues como que tinha já «absolvido» o escritor, citando em latim, logo depois traduzido, o insuspeito S. Tomás de Aquino: «Deus não é ofendido por nós a não ser quando agimos contra o nosso próprio bem». «Eis-me quase canonizado», ironizou o escritor.

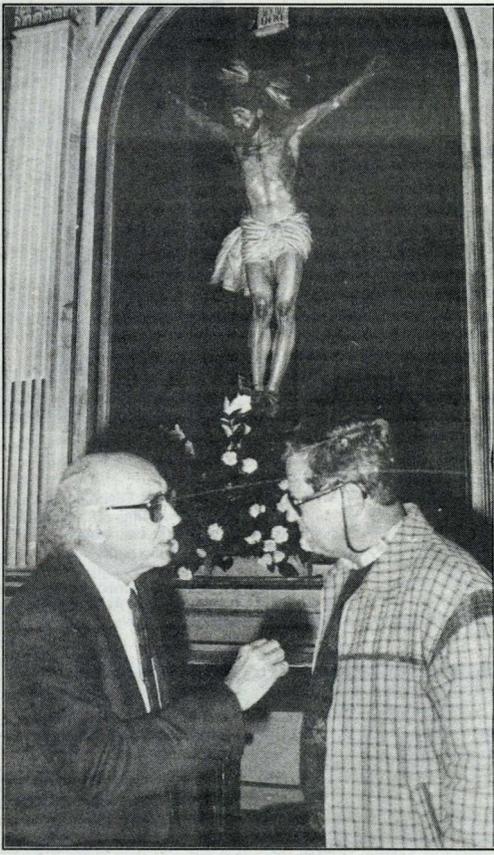
Em nome de Deus

Tinha razão para a ironia — para esta como para outras que lançou durante o debate. Para além do título, poucos dos aspectos polémicos (ou heréticos)

do romance foram abordados — e não é preciso referir os casos da virgindade de Maria, mãe de vários filhos, ou das relações de Jesus com Maria Madalena. A própria morte de José, «carpinteiro de obra grossa», também crucificado, foi questão sobre a qual se passou como quem passa sobre brasas.

E no entanto, a morte do carpinteiro é importante na economia do romance que constitui, afinal, uma longa reflexão sobre o poder e sobre a culpa — «sobre o poder puro e simples, se é que há algum poder puro e simples», assinalou Saramago; e sobre a culpa, desde logo protagonizada por José, em parte responsável pela matança dos inocentes, que bem poderia ter evitado, se não tivesse procurado salvar apenas o seu filho, afinal filho de Deus.

Saramago bem tentou dizer que «o tema do romance está muito didacticamente condensado entre as páginas 363 e 400». É uma longa conversa entre Deus e Jesus, a que também assiste o Diabo, capítulo cheio de sacrifícios e de sacrifi-



Saramago e frei Bento Domingues, com Cristo por testemunho

cados, de cilícios e de penitências, de mártires e de cruzadas, de guerras e de inquisições — tudo em nome de Deus, um Deus que exigiu o sacrifício do seu próprio filho.

«Provocador», Saramago lembrou o que o Diabo diz no romance, a propósito: «É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue». Mas da assistência ninguém pegou na deixa, a não ser para afirmar «a alegria por este tema, o da Redenção, ter sido romaneado», mesmo nos termos em que Saramago o fez. Afinal, «O Evangelho segundo Jesus Cristo» não é nem um livro de tese nem um manual, mas apenas uma ficção. Podem chamar-lhe «livro herético», Saramago responderá que «herete é o que escolhe e que o acto de escolher é um acto livre, também Jesus Cristo, ao escolher a outra via, separando-se do Judaísmo, foi herético».

A verdade é que, numa assembleia de cristãos, o escritor foi igual a si próprio. Ninguém estranhou que se tivesse apresentado como ateu, mas é possível que muitos tenham estranhado estas palavras: «Não sou cristão, mas sou filho do Cristianismo, sou incapaz de conceber um mundo sem Deus. Não creio em Deus, mas o facto de Deus existir para qualquer pessoa que esteja comigo faz com que Deus exista para mim».

TEATRO CINEARTE — Lg. de Santos, 2 — Tel: 396 53 60 • 396 52 75

A BARRACA — 15.º ANIVERSÁRIO

★

«Uma Floresta de Enganos» — Gil Vicente com João Maria Pinto no protagonista
Estreia hoje dia 3 Dez. às 21.30h
Horário: 4.ª, 5.ª, 6.ª às 21.30h/Sala Grande

★

«Pranto de Maria Parda» (texto integral) — Gil Vicente versão e interpretação Maria do Céu Guerra
Em cena: 3.ª às 22h/Sala Grande
6.ª às 24h/Cinearte-Café

«Play It Again Sam» — Woody Allen com Orlando Costa no protagonista
Estreia sábado, dia 7 Dez. às 21.30h
Horário: Sáb. e 2.ª às 21.30h/Sala Grande
Domingo às 17 horas

«Mi Rival» — Ralph Talbot
Estreia brevemente no Cinearte-Café
Horário: Sáb. e 2.ª às 24.00h
Domingo às 21.30h

ELENCO: Maria do Céu Guerra, Ilda Roquete, Madalena Leal, Carla Torres, Paula Sousa, Rui Pisco, João Ricardo, Pedro Alpiarça, Luís Filipe de Almeida, José Boavida.

MÚSICA: Orlando Costa
DIRECÇÃO: Hélder Costa

«Criançarte»
— «Um, dois, três», pela Máscara
Sáb. às 15h
Domingo às 11.30h
— Ateliers para crianças

CINEARTE-CAFÉ
Noites de música às 5.ª, 6.ª e sábados a partir das 24.00 horas
com: Madalena Leal e Xico Raimundo

— UM TEATRO A TEMPO INTEIRO —